

EDITORIAL, v. 18, PUBLICAÇÃO CONTÍNUA, 2023: DESAFIOS EDITORIAIS

EDITORIAL, v. 18, PUBLICACIÓN CONTINUA, 2023: DESAFÍOS EDITORIALES

EDITORIAL, V. 18, CONTINUOUS ARTICLE PUBLICATION, 2023: EDITORIAL CHALLENGES



José Luís BIZELLI<sup>1</sup>

e-mail: jose.bizelli@unesp.br



José Anderson SANTOS CRUZ<sup>2</sup>

e-mail: anderson.cruz@unesp.br

#### Como referenciar:

BIZELLI, J. L.; SANTOS CRUZ, J. A. Editorial, v. 18, Publicação Contínua, 2023: Desafios editoriais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023001, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.18035>



| Submetido em: 01/01/2023

| Publicado em: 01/01/2023

---

**Editor:** Prof. Dr. José Luís Bizelli  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Livre docente, Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr/UNESP) – Brasil; Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Pesquisador Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 – CNPq. Coordenador Nacional FEPAE. Editor-Chefe (RIAEE).

<sup>2</sup> Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (PECEGE) (ESALQ/USP MBAs), Piracicaba – SP – Brasil. Professor Assistente. Doutorado em Educação Escolar (UNESP). Editor Adjunto Executivo (RIAEE).

A equipe editorial da Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (RIAEE) apresenta o volume 18 do periódico, que passa a assumir o modelo de Publicação Contínua, objetivando diminuir o tempo entre a submissão e a publicação de artigos aprovados, aumentando o período de exposição dos trabalhos publicados. A RIAEE segue, portanto, seu compromisso com os princípios de aperfeiçoamento contínuo de processos, investimento em pessoas, na agilidade e na qualidade final do produto, aliando sustentabilidade econômica e rigor ético de procedimentos operacionais padrão delineados pelo Comitê de Ética em Publicações (COPE).

É um momento especial para toda a equipe, o que leva a RIAEE a repensar os horizontes presentes e futuros postos à editoração científica.

Até agora, o desafio que se impunha era superar racionalmente a ideia de que uma revista era o veículo de circulação e discussão de *saberes* entre um pequeno grupo de intelectuais situados em uma determinada área de conhecimento. A velocidade com que novas tecnologias tomaram conta dos processos de informação e comunicação facilitou a implantação de mudanças significativas no setor da editoração científica.

Aspectos importantes foram ganhando contornos para aqueles que cotidianamente trabalham na divulgação de concepções acadêmicas e pesquisas científicas de autores nacionais e internacionais. Forjou-se um consenso sobre a necessidade de profissionalizar o setor e, para tanto, fez-se indispensável ter capacidade financeira para atender às demandas por recursos humanos e materiais – instalações, equipamentos e serviços – de forma a viabilizar a competição no mercado editorial globalizado.

Gestores, revisores, tradutores passaram a interagir e cooperar com especialistas em marcação de linguagem de computadores para que os conteúdos textuais ganhassem espaço na internet, pressionando, mais uma vez, os orçamentos que permitem o funcionamento continuado da revista.

Três desafios chamam a atenção no interior do universo descrito: o modelo sob o qual os periódicos científicos – particularmente os brasileiros – consolidam-se e ganham destaque no mercado editorial mundializado; a responsabilidade das equipes de produção em garantir a incorporação de tecnologias capazes de trabalhar a divulgação da Ciência de forma a atingir o interesse dos que estão dentro e fora da comunidade acadêmica; e, para aqueles que se debruçam sobre o universo da Educação e da Escola em países como o Brasil, os imperativos impostos pela materialidade da vida cotidiana.

Vários modelos têm sido utilizados para que as revistas científicas – não predatórias – organizem estratégias de sustentabilidade financeira.

O modelo clássico se fundamenta no financiamento público governamental, através de universidades e de agências de fomento. Certamente é um modelo importante, mas que tem um escopo de atuação limitado pelos recursos declinantes do orçamento público estatal e o aumento crescente da demanda, ou seja, nos últimos anos cresceu o número de revistas de qualidade que podem competir pelos escassos editais de financiamento.

Há um segundo modelo, patrocinado por fundações e associações, públicas ou privadas, que diretamente suportam os custos de produção de um periódico, criando estruturas administrativas específicas para a revista ou contratando empresas especializadas para cumprir essa tarefa. Várias revistas consolidadas na Área de Educação funcionam através desse modelo, embora a maioria também dispute os editais de financiamento público.

Outro modelo que vem se afirmando é o que se baseia na cobrança de APC (*article processing charge*); ou que repassa custos de serviços utilizados no processo editorial para os autores; ou mesmo que indica empresas e profissionais certificados para a execução de etapas determinadas do mesmo processo, modelo que poderia ser resumido em transferência de custos de editoração – diretos ou indiretos – para aqueles que desejam publicar em um determinado periódico.

Em todos os modelos considerados, há espaço para uma discussão fundamental sobre a contradição que se estabelece historicamente entre os atores que trabalham na equipe editorial: “profissionalismo” – a partir dos preços de mercado ou das sugestões das associações de classe, sindicatos, que regulam o setor – ou “camaradagem” daqueles que se prestam aos trabalhos necessários à publicação científica – muitas vezes voluntários ou, então, bolsistas de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e, até mesmo, Pós-Doutorado.

Um segundo desafio que está completamente delineado à frente do comando editorial de um periódico científico é de natureza tecnológica, muito embora a tecnologia seja apenas o suporte para a questão de fundo: a identificação, o processamento ético, a publicização e a publicação de conteúdos da pesquisa científica que envolvam estratégias de criação ou escrita de artigos utilizando inteligência artificial (IA), como a que está embarcada no *chatbot* da OpenAI – ChatGPT (*Generative Pre-Trained Transformer*).

O impacto do ChatGPT no campo do *fazer* editorial – para além dos aspectos éticos envolvidos na produção do texto autoral – gera inegável responsabilidade para a equipe de uma revista científica: uma ferramenta que pode ser treinada continuamente para absorver padrões

linguísticos e semânticos em diversas línguas; traduzir; corrigir estilos ou rever erros gramaticais; ordenar e padronizar referências – talvez, no futuro, citar e corrigir frases que possam ser identificadas, por exemplo, como plágio – exige que seu potencial transformador – revolucionário – seja identificado, valorado, analisado e visibilizado à comunidade de conhecimento à qual se vincula. O peso de seus efeitos deve, inclusive, ser medido pelos impactos que trará para aqueles que apostaram no mercado editorial como campo de trabalho, como local de sobrevivência econômica.

Não se trata de dar contornos a um ambiente de ficção científica! Livros que se utilizam do ChatGPT já circulam no mercado eletrônico; trabalhadores quenianos terceirizados em condições salariais precárias já investigam temas de interesse público – racismo, sexismo, violência – através das ferramentas de IA para empresas ligadas à detentora do ChatGPT; e a *Nature* chama à responsabilidade os pesquisadores que querem publicar em suas páginas, exigindo afirmação de autoria sobre investigações e, quando necessário, documentação sobre a utilização de IA no processo de produção de artigos submetidos à revista.

Finalizando, é preciso lembrar os momentos impostos pela materialidade concreta da vida cotidiana no Brasil, naquilo que concerne ao escopo da RIAEE, ou seja, a Educação, em geral, e a Escola, em particular. É para criar um espaço editorial de discussão sobre a Educação e a Escola na Ibero-América que a revista existe, mas, enquanto editores e pesquisadores brasileiros, torna-se imperativo reconhecer que um país, quando tem que debater a contratação de policiais – em detrimento de psicólogos ou professores – para defenderem a integridade física de seus alunos, perdeu em algum momento ou em algum lugar o seu caminho.

Assim, a RIAEE oferece à comunidade científica este volume, como forma de enriquecer o debate educativo no universo concreto ibero-americano! Boa leitura!

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**

Revisão, formatação, normalização e tradução.

